

Entrevista no livro MORAES, Odilon; HANNING, Rona e PARAGUASSU, Maurício. *Traço e Prosa- Entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*. São Paulo, Cosacnaify, 2012. ISBN 978-85-405-0223-9

(TRECHOS)

[TP] – Ainda no colégio, você escreveu o texto *O homem no sótão*, onde o personagem escreve para crianças. Isso já era um sonho?

Venho de uma casa onde a literatura tinha um grande valor. Meu pai era professor universitário e autor de livros didáticos de geografia. Desde moleque eu tive muito contato com livros. Gostava de desenhar mas, talvez pelo ambiente voltado a livros e textos, nunca valorizei o desenho, achava algo sem importância. O colégio em que estudei reafirmou essa espécie de desprezo pelo desenho. Eu vivia desenhando no caderno inteiro, levava bronca na escola, mas eu mesmo não notava com clareza que desenhar era uma coisa importante para mim. Aos dezessete anos li, na revista Humboldt, de intercambio cultural Brasil-Alemanha, *Três contos para criança* de um autor suíço chamado Peter Bischel e fiquei fascinado! Pensei: “Puxa, gostaria de escrever como esse cara!”. Por outro lado, na escola, fazia as redações e tirava boas notas e isso era uma coisa de muito valor para mim, porque de resto eu era mau aluno. A leitura dos textos do Bischel foi como uma janela que se abriu para mim. Senti que ele falava num patamar muito interessante, era para criança, mas não era, tratava de temas complexos de uma forma poética e acessível, achei riquíssimo! E foi esse autor que me levou a pensar em literatura infantil. Percebi também que ela me permitiria escrever e desenhar. Por essa época, motivado pela leitura dos contos de Bischel escrevi meu primeiro texto pra valer ao qual dei o nome de “Um autor de contos para crianças”. Muitos anos depois foi publicado como *Um homem no sótão* meu segundo livro. Lembro que parti de indagações como: “O que é ser um autor? O que é escrever uma história? O que é realidade e o que é fantasia?”.

(...)

[TP] Bischel, segundo você, escrevia para crianças e adultos. Fale um pouco sobre isso.

Não acredito que exista uma literatura exclusivamente para crianças, salvo se pensarmos em livros didáticos e afins. Acho que existe uma grande e diversificada literatura que se pretende popular e, dentro dela, muitos livros são também acessíveis e conseguem interessar às crianças. Estes podem ser considerados literatura infantil. Meu interesse por Peter Bischel surgiu justamente por causa disso. Seus textos não eram escritos exclusivamente para crianças mas também para elas. E traziam questões capazes de interessar a todos nós. Para quem escreve ou ilustra pensar nesses termos é muito mais rico e instigante do que imaginar que está se dirigindo exclusivamente à crianças. Em suma, creio que uma literatura popular pode ser mil vezes mais complexa e cheia de possibilidades do que uma que seja apenas infantil. Aliás, cabe a pergunta: esse “infantil” diz respeito a que crianças? Pessoas de 10 anos de idade, por exemplo, têm vivências, culturas, crenças, marcas familiares e características pessoais

que podem ser muito diferentes. Dizer, por exemplo que crianças da mesma idade formam um grupo homogêneo de pessoas é simplesmente uma bobagem.

(...)

[TP] Há espaço para um trabalho autoral na ilustração de livros?

Você está tocando num assunto importante que é o da autoria de imagens. Essa é a grande diferença entre ilustradores que trabalham com livros e ilustradores que trabalham com publicidade. Estes tendem a uma coisa impessoal, às linguagens consideradas da moda e coisas assim. São obrigados a isso pelo próprio mercado. Por exemplo, hoje a influencia do grafite, os *letterings* manuscritos e as imagens inacabadas e fragmentadas estão na moda. Amanhã será outra coisa e assim por diante. Para os ilustradores de livros, ao contrário, a questão da personalidade, da cultura visual, do desenvolvimento de uma linguagem autoral é que conta. Note que ilustradores de livros assinam seus trabalhos, seu nome sai na capa, e os de publicidade não.

Quando eu ainda dava aula na FAAP, li na revista *Idea* uma entrevista do Paul Davis, ilustrador que eu admirava, na qual ele contava que seu trabalho era enraizado na pintura popular americana do século XIX. Pensei comigo: um ilustrador brasileiro que se deixe influenciar por Paul Davis, e este era um pouco o meu caso naquele momento, estará se influenciando por imagens tradicionais da cultura norte-americana. Nada a ver com a gente! Percebi que eu tinha que achar caminhos que tivessem a ver com minha cultura e com meu contexto. Foi aí que pela primeira vez olhei com atenção a nossa iconografia popular. No fundo o que eu estava descobrindo ainda não era nem a concepção de ilustração, mas sim a de autoria. Passei a perceber que cada ilustrador que eu admirava partia de certas fontes, de um certo contexto e estes eram os elementos de sua linguagem pessoal. Por exemplo, o extraordinário Milton Glaser evidentemente era um cara com grande cultura visual. Isso ficava nítido quando observava os diversos e ricos caminhos que seus trabalhos tomavam.

(...)

[TP] Voltando para a autoria da imagem e da publicidade, o quanto a área da ilustração hoje começa a ser reconhecida como um espaço possível de autoria? Já existe uma estrada feita, aqui no Brasil? Então, essa situação que você está contando de vinte, trinta anos atrás ainda se mantém...

No caso da ilustração de livros, creio que o espaço para os artistas se ampliou. Hoje é comum um ilustrador ser considerado o co-autor dos livros, rachando os direitos autorais meio a meio com o autor do texto. São comuns também os livros apenas de imagens. Mas ainda há muito o que fazer pois as artes visuais continuam a ser pouco conhecidas e, portanto, pouco valorizadas. Nas escolas, por exemplo, pelo menos em tese, estuda-se a obra de escritores e estilos literários mas nada de artes plásticas. Imagine que um cara sai hoje da escola sem saber o que aconteceu com a imagem ao longo do século XX, os impressionistas, Cezanne, Picasso, Miró, Klee, os expressionistas, os surrealistas, as várias posturas abstracionistas, Francis Bacon, Lucian Freud, quais as questões visuais e expressivas em jogo. É patético porque

esses grandes artistas transformaram em imagens os conflitos, as contradições e as indagações que estão dentro de cada um de nós.

(...)

[TP] Em um dos seus artigos, você fala sobre certas premissas que o ilustrador tem que ter. Quais são os seus pontos de partida e aonde você quer chegar?

Na minha visão, a ilustração tem que dialogar com o texto no sentido de ampliar seu universo significativo. Em outras palavras, a reunião do texto e das imagens tem que trazer ao leitor algo maior do que o texto em si e as imagens em si. Outro ponto: as imagens de alguma forma têm que exercer o pensamento crítico o tempo todo. Ilustração não é decoração, é discurso crítico, é interpretação. No meu trabalho, tudo isso pode até não acontecer mas vai ser por incompetência minha. São coisas que busco sempre e sempre.

(...)

[TP] Fale sobre o *Livro dos pontos de vista*.

Esse livro primeiramente foi publicado pela Ediouro e cada volume traz o ponto de vista de protagonistas que moram na mesma casa: um sapo, uma tartaruga, um cachorro, um gato, um menino e uma menina. Eles falam e dão depoimentos completamente diferentes sobre as mesmas situações e os mesmo assuntos. Mais tarde juntei os 6 livros num livro só e ainda acrescentei os depoimentos do pai e da mãe. Virou o *Livro dos pontos de vista* agora publicado pela Ática. Acho que ficou mais rico.

Em termos de ilustração, creio que um livro interessante é o *Fazedor de tatuagem*, publicado pela Moderna. Trata-se de uma espécie de retrato do artista quando jovem. Foi um desafio fazer porque o livro traz imagens de um ponto de vista neutro e mais ou menos realista que mostram o que está ocorrendo objetivamente no texto, e traz imagens desenhadas pela personagem que é um menino que adora desenhar. Os desenhos relativos ao menino eu fiz com a mão esquerda para simular o desenho infantil. Foi uma experiência muito legal. Outro ponto: o livro é uma especulação minha a respeito das relações entre texto e imagem, e ainda sobre tipos de textos e tipos de imagens.

(...)

[TP] Em um artigo, você conta que quando vai dar palestras, todo mundo te pergunta sobre o texto e só no intervalo surgem perguntas sobre o desenho...

As pessoas têm vergonha de perguntar! É como se os assuntos do texto propiciassem uma certa dose de objetividade e racionalidade e as imagens não, envolvesse apenas gosto pessoal e subjetividade. O livro é usado na escola, as imagens obviamente são um discurso, e as pessoas não sabem lidar com elas! É uma das razões porque voltei a estudar. Acho interessantíssimo mostrar aos professores as inúmeras possibilidades de associação entre tipos de textos e tipos de imagem. Por exemplo, textos realistas podem ser comparados a imagens realistas; textos marcados por idiosincrasias e subjetividades podem ser comparados a imagens expressionistas e assim por diante. É

interessante também notar que diante de um texto realista o ilustrador pode partir para uma linguagem simbólica ou expressionista. Enfim, são muitas as possibilidades em jogo.

Como ilustrador, uma dos recursos que sempre me interessou muito é o da metáfora visual. Utilizo sempre que posso, por exemplo, na capa do *Livros dos sentidos* (uma bola que é ao mesmo tempo uma maçã) ou na capa do livro *Aula de carnaval* (uma casa de cabeça para baixo) entre muitos outros exemplos dentro dos livros.

(...)

[TP] Em livros como *Contos de enganar a morte, No meio da noite escura tem um pé de maravilha*, e outros, temos a presença do folclore, qual a sua afinidade com o assunto?

Meu pai era geógrafo e amava o Brasil. Desde pequeno eu tive uma visão muito positiva do país graças a ele. A gente tinha um sítio perto de São Paulo, a 40 km de São Paulo mas na minha infância, décadas de 1950 e 60, era um matagal. Essa vivência no sítio pra mim foi muito marcante. Eu ia todo fim de semana e passava as férias lá, tinha contato com uma pobreza absurda, com o mato, com os bichos, com as coisas da natureza etc. Quando estava no sítio eu brincava com os moleques que viviam por ali, ia na casa deles, jogava bola de gude, físgava peixe, andava pelo mato com estilingue atrás de passarinho. Era uma vida meio dupla: tinha os amigos da cidade, do colégio, urbanos, classe média e tal, e no sítio eu entrava em outro mundo, o mundo da cultura popular.

Como desenhista, comecei a pesquisar a iconografia popular quando dava aulas na FAAP. Sugeri aos alunos que fizessem o projeto gráfico de um livro com contos populares. Como ilustra-lo? Que linguagem de desenho utilizar? Que tipo de letra seria mais adequado? Meu interesse pela xilogravura se ampliou nessa época.

Em 1981 a Maristela Petrilli da Editora Moderna me convidou para ilustrar o livro *Vavá entre o medo e a coragem* de Jair Vitória. A história passava-se no nordeste. Achei que era uma ótima oportunidade para experimentar uma linguagem que vinha desenvolvendo com nanquim imitando os recursos da xilogravura popular. Mais tarde caiu nas minhas mãos *A guerra do reino divino*, sensacional HQ de Jô de Oliveira. Foi uma referência importante para mim. Mas o que me deixou apaixonado mesmo foi a descoberta das xilogravuras do extraordinário Gilvan Samico. Considero o Samico um dos maiores artistas visuais brasileiros de todos os tempos. Aprendi muito com o trabalho dele assim como aprendi com J. Borges e muitos outros artistas populares. Meu desafio sempre foi o seguinte: compreender os recursos da xilogravura e transporta-los para o nanquim de forma a jamais fazer qualquer coisa no desenho que não seja possível de resolver vincando a madeira.

[TP] Então você trabalha diferente quando ilustra livros de folclore?

Sim. Percebi que é muito diferente ilustrar um texto criado inteiramente por mim e um conto popular, mesmo que a versão seja escrita por mim. Quando vou ilustrar um texto meu estou livre para inventar a linguagem que quiser. O conto popular traz uma tradição dentro dele, tem uma aura, tem marcas de uma certa mentalidade, sei lá.

Diante dele, sempre recorro a uma linguagem marcada pela iconografia popular porque ela carrega essa tradição e essa visão de mundo.

(...)

[TP] Ricardo, você acha que o fato de ter estudado literatura tem influencia no trabalho de ilustração?

O estudo da literatura me ajudou muito no sentido de me fazer compreender melhor a importância da ficção e de perceber os diversificados recursos e possibilidades da linguagem. Me ajudou também perceber as analogias entre o discurso escrito e discurso visual. Mesmo certos procedimentos que eu já utilizava de repente ficaram mais claros. Quando disse que procuro fazer desenhos com metáfora, talvez isso venha do estudo da retórica. Graças a ele entendi melhor o funcionamento e o espírito das figuras de linguagem e percebi que também recorria à elas quando desenhava. Em suma, com o estudo da literatura, eu entendi melhor o meu trabalho de escritor e de ilustrador.

Como ilustrador tenho no fundo dois interesses: criar imagens relacionadas à metáfora e com elas enriquecer a leitura do texto; e desenvolver a pesquisa de desenhos feitos a partir da iconografia popular, que eu acho riquíssima. Se eu pudesse, faria só isso.

Anexo

Exemplos de metáforas visuais:



Ilustração do livro *Aviãozinho de papel*



Ilustração do livro *Aula de carnaval e outros poemas*



Imagem de cartão de natal – Grupo Ticket/NHT, 1995



Ilustração do livro *Dezenove poemas desengonçados*



Ilustração do livro *Dezenove poemas desengonçados*



Ilustração do *Livro dos sentidos*

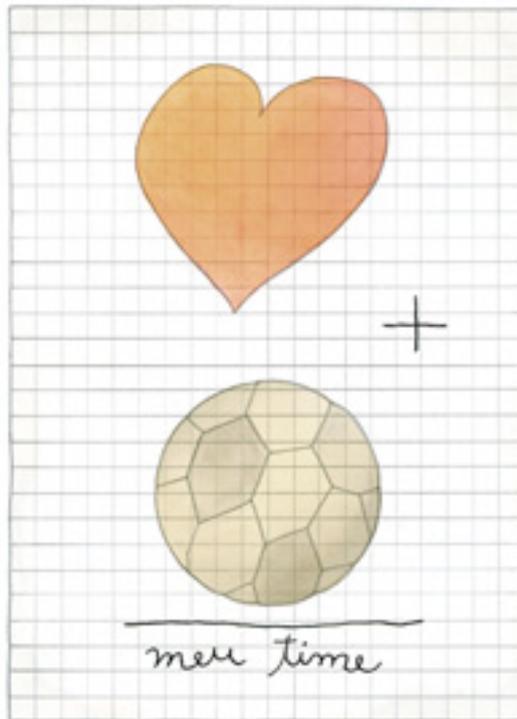


Ilustração do *Livro de papel*

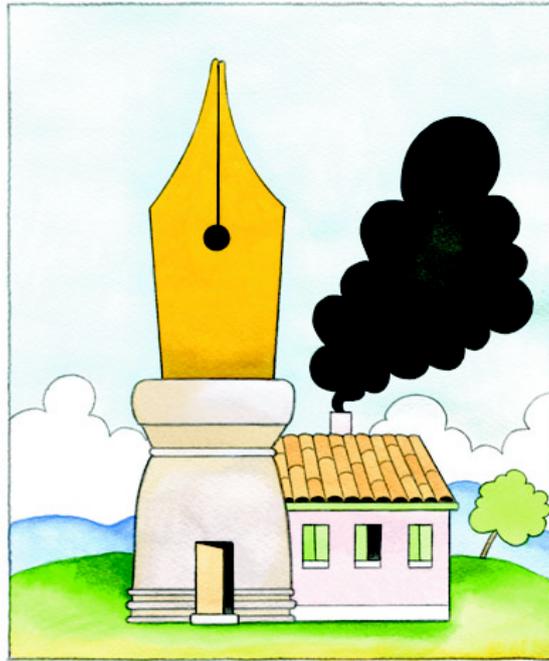


Ilustração do livro *Meu material escolar*

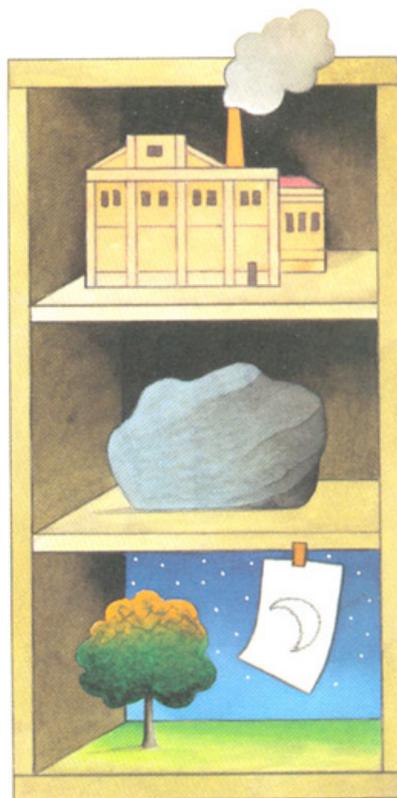


Ilustração do livro *O homem que pescou a lua*, de Rosana Rios

Exemplos de desenhos baseados na iconografia popular:

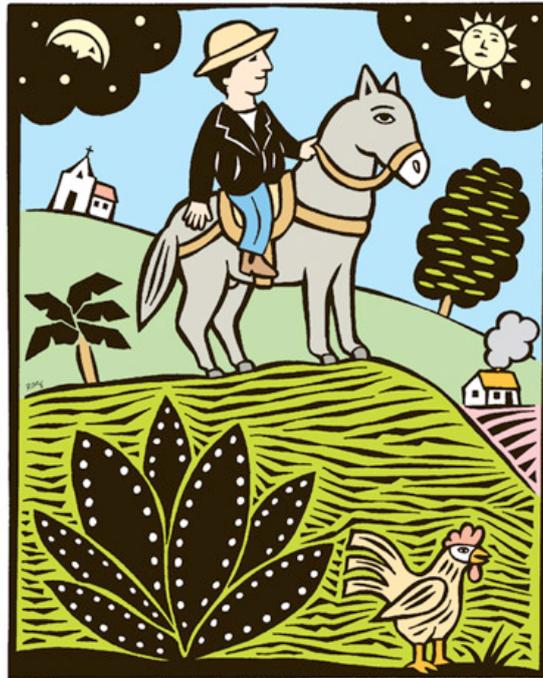


Ilustração do livro *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*



Ilustração do livro *Armazém do folclore*



Ilustração do livro *Armazém do folclore*



Ilustração do livro *Armazém do folclore*



Ilustração do livro *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*



Ilustração do livro *Contos de enganar a morte*



Ilustrações do livro *Contos de enganar a morte*



Ilustração do livro *Contos de bichos do mato*



Ilustração do livro *O sábio ao contrário*



Ilustração do livro *O sábio ao contrário*

Imagens do livro *Fazedor de tatuagem*:





Diante desses pensamentos construtivos, achei melhor começar minha construção pelo começo.

Era preciso aprender a desenhar tudo o que eu via em volta de mim.

E o que eu via em volta de mim?

Meu pai, minha mãe, minha irmã, minha avó, a Viriata, minha casa, os móveis da minha casa, a televisão, o computador, vários outros aparelhos, o carro do meu pai, as roupas, portas, janelas, armários, estantes, livros, quartos, quadros na parede, cozinha e coisas da cozinha, banheiro e coisas do banheiro, produtos como perfumes, pomadas e escovas, quintal, jardim, flores e a árvore da frente. Sem falar nos bichos, que em casa tem cachorro, gato e tartaruga, além de bichos selvagens como, principalmente, passarinhos, borboletas, mariposas, besouros, aranhas, joaninhas, formigas, tatuzinhos, taturanas, minhocas, aranhas papa-moscas, marias-fedidas e lagartixas.

14

"Quanta coisa existe no mundo! Quanta coisa para aprender a desenhar", lembro de ter pensado comigo mesmo, bastante animado mas, confesso, um pouco assustado. Só sei que foi assim.

Juntei todos os blocos de papel que encontrei em casa, apontei o lápis preto e os lápis de cor, respirei fundo e comeci.

Aprender a desenhar é como qualquer construção. Parece fácil, mas não é!

Nas segundas, quartas e sextas, de manhã, eu ia para a escola.

